

Philippe GILBERT

Grogue

da cana ao copo

Grogue, um prazer a consumir com moderação

O código da propriedade intelectual proíbe cópias ou reproduções destinadas à uma utilização colectiva. Toda representação ou reprodução integral parcial ou feita por qualquer procedimento que seja, sem o consentimento do autor ou causa própria, é ilícito e constitui uma infracção, nos termos dos artigos L.335-2 e seguintes do Código da propriedade intelectual.

Do mesmo autor em Francês:

Vie et survie en milieu tropical / Edições Ibis Rouge

Katjuchi la voie du tigre / Edições Ivoire Clair & Orphie

L'or sauvage / Edições Mon Petit Éditeur

Journal de marche d'un bâton de pèlerin / Edições Sydney
Laurent

Publicado por Edição Belavista na Cabo Vista Publishing
& Entertainment Lda.

Titulo da edição francesa original de Philippe Gilabert:

"Grogue ... de la canne au verre"

Primeira edição portuguesa março 2023

Tradução do francês por: Manuel R. Melo Santos

Foto da capa: Philippe Gilabert

Conceito e design: Devam Will

Conjunto da FS Albert & FS Clerkenwell

Feito na UE

© Cabo Vista Publishing & Entertainment Lda.

Edição Belavista

Cabo Vista Publishing & Entertainment Lda.

Alto Fortim, Mindelo, São Vicente, Cabo Verde

www.editionbelavista.com

ISBN

978-3-86264-910-5



Dedico este livro à
Confraria do Grogue
e a todos aqueles que me ajudaram
a produzir este trabalho,
bem como a todos os meus
amigos em Cabo Verde.

Sumário

Prefácio	9
O grog e art de grogging	12
O país	17
A população	18
A economia	21
Primeiro encontro	24
Origem da cana sacarina	28
Algumas datas em Cabo Verde	30
Escala nas ilhas do Grogue	36
Santiago	39
Santo Antão	41
São Nicolau	44
Brava	47
O contrabando no tempo colonial	48
Uma anedota do tempo colonial	50
As canas sacarinas	54
As principais variedades	57
Hybridas	58
As doenças	60
Utilizações da cana	62
Utilização em Cabo Verde	66
As diferentes variedades	68
A pesquisa	70
As diferentes fases de cultura	72
Os solos	75
A plantação	76
O ciclo anual	77
O ciclo de crescimento	78

O ciclo de crescimento em cinco fases principais	78
Irrigação	79
Viagem na terra de Grogue	82
A colheita	85
Uma anedota do tempo colonial	89
O trapiche	92
O funcionamento de uma unidade tradicional	95
Hoje em dia	97
Funcionamento e mecânica	98
A calda ou suma de cana	100
O mel, xarope aquecido ou melaço	103
O bagaço	105
De volta ao passado	108
Fermentação	112
A destilação	125
Partes de um alambique	128
O meio ambiente	130
Uma anedota do tempo colonial	133
Do campo para a garrafa em 10 fases	136
Os instrumentos de medição	136
A lenda de Blimundo	140
Grog, Grogù ou Grogue – A origem do nome	145
A rotulagem como prova de qualidade	149
Trapiche, património & turismo rural	150
Um país, dez destinos	151
A gíria do país	152
O Grogue velho	154
Que futuro para o Grogue?	156

A Confraria do Grogue	159
ONG Atelier Mar	161
Artesanato	162
Artes e ofícios	164
Música e poesia	166
<i>Cordas d'sol</i>	168
<i>Mirri Lobo</i>	170
<i>Cacoi Sam & Luis Cabel</i>	174
Grogues, ponches, licores e coqueteis	177
Receitas com Grogue	179
Ponches & frutas	182
Coqueteis	188
Léxico técnico	195
Léxico crioulo	202
Agradecimentos	219
Bibliografia	220
Imagens e direitos autorais	221

Nota do autor: No seu conjunto Grogue está escrito na sua nova versão e a primeira letra em maiúscula, a fim de lhe dar o seu título de nobreza.

Os nomes em itálico, para além dos nomes latinos, encontram-se num léxico técnico e crioulo, relacionados com o dialecto de Santo Antão.

Também é bom salientar que o “s” que designa o plural de uma palavra não existe em Crioulo de Barlavento, nem o “r” que designa o infinitivo. É na própria construção da frase que se compreende o seu significado. Portanto não veja nenhuma falha nisso.

Prefácio

O Grogue, da mesma maneira que a catchupa na cozinha, ou a morna na música, faz parte integrante da identidade cultural Cabo-verdiana na qual cada habitante se reconhece.

Ele é o laço entre esta terra, por sua vez árida ou opulenta, conforme o dom das chuvas, e os homens. Mas frequentemente inclina mais para a alegria do que a tristeza, apesar das dificuldades.

Produto da terra, serve para todas as festas. Do nascimento à partida para além dos mares, pontua as estações familiares ou amigáveis e para nós, visitantes, faz parte dessa morabeza tão querida para este povo.

Tudo serve de pretexto para levantar o pequeno copo cheio deste aguardente com perfume tão especial, composto de cana e de prazer.

Saúde!





Grogue e arte de grogar*

A água de cana que, ardendo, quase tudo resolve por receituário popular, empírico, certo, eficaz:

- Dor de garganta ou rouquidão antes da morna?
Gargareje!
- Infecção? Uma Branquinha!
- Desarranjos? Um dedal de Velha três vezes ao dia!
- Para dores de cabeça, não beba para esquecer!
- Na falta de inspiração tome até se soltar!
- Por dor de amor beber a gosto!

Grogue é fêmea.

Enquanto Nova é ardente.

Calorosa. Fogosa.

Sedutora.

Incolor.

Aparenta água d'pote, mas sua sabura embriaga. Seu ardor mata a inocência. Seu fogo transparente põe a nu a decência, desengasga paixões, solta gestos, mostra atitudes, alivia tristezas, liberta alegrias e versos - insanos por vezes.

Quando Velha é morena. Gostosa. Aveludada. Chora no vidro do copo o tempo guardado em garrafão. Paradoxalmente, mais velha, melhor. Sabe!

Se Matxóna, é proibido, pois grogar é beber sem fuscicar.

**beber grogue*

Parecendo errados o verbo e o ato, acertado é não deixar de experimentar. Como reconhecer-lhe novura ou bidjissa, aprovar-lhe virtudes, desaprovar-lhe os malefícios sem lhe tocar?

A uns vitaliza, a outros esmorece. Alguns excita, outros acalma. Adormece. Quem não groga opina que leva grogado a... vá-se lá saber o quê. Grogueiro, brejeiro, defende que comer é vício, grogar é necessidade. Opiniões.

Grogar tem sabor e saber. Exige arte e técnica no beber – desvanecer a pinga no engolir abafando com manjar de carne d'txuk ou torresmo.

Recomenda-se grogue do bom sem demasiado grogar.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Kiki Lima', with a long, sweeping underline.

Kiki Lima, Artista que tinta,
canta e groga.
Mindelo, 18 de outubro 2019

Cabo Verde – o país e as suas gentes







Pela ordem decrescente:

Santiago 991 km² • Santo Antão 779 km² • Bao Vista 620 km²
• Fogo 476 km² • São Nicolau 343 km² • Maio 269 km² • São
Vicente 227 km² • Sal 216 km² • Brava 67 km² • Santa Luzia 45 km²
(inabitada)

O país

A República de Cabo Verde (5 de Julho de 1975) situada entre as referências geográficas dos 17° 00' de latitude Norte e 24° 00' de longitude Oeste, é um pequeno arquipélago de quatro mil e trinta e três quilómetros quadrados (4.033km²) divididos em dez ilhas.

Muitos contrastes, indo do muito seco ao muito verdejante, isso devido à sua origem vulcânica que lhe dá uma beleza toda singular, elas orgulham-se, cada uma, de possuir a sua própria identidade.

Situado no Atlântico médio, a cerca de 500 quilómetros a Oeste da costa mauritano-senegalesa, insere-se no grupo de países atuais do Sahel, caracterizado por vulnerabilidades naturais, nomeadamente ao nível do solo e da água.

Seu clima de tipo tropical seco, deficitário em precipitações, está fundamentalmente ligado a três grandes correntes das quais duas são responsáveis por essa aridez:

- os ventos alísios do nordeste, durante uma grande parte do ano
- o harmatão chamado também lestadá e suão, soprando de Janeiro a Abril
- a monção do atlântico que, com irregularidade traz as chuvas de verão

As precipitações anuais são aproximadamente de 250 milímetros nas zonas áridas a mais de 1400 milímetros

nas zonas húmidas altas. Duas estações principais constituem este clima:

- a estação seca de Novembro a Junho
- a estação das chuvas de Julho a Outubro

Actualmente as mudanças climáticas não respeitam esta ordem.

A temperatura média anual é de 24° Celsius com uma amplitude que não passa os 10° C, isso por influência causada pelo oceano.

A população

Conforme o último recenseamento, a população residente no país é estimada em 526.427 habitantes, representada por 50,4% de pessoas do sexo feminino e 49,6% do sexo masculino.

É uma população jovem dos quais 32,6% dos indivíduos tem menos de 14 anos. Acima desta idade 61,9% tem entre 15 e 64 anos e 5,5% mais de 65 anos.

A densidade por km² é, aproximadamente, de 130,5 habitantes. Ela é maioritariamente urbana com uma representação de 62,6%, enquanto nas zonas agrícolas ela aproxima-se dos 37,4%.

Ao nível da escolaridade, obrigatória, o meio urbano regista uma maior frequência dos estabelecimentos escolares com cerca de 95% de presença. A taxa de analfabetismo é muito baixa.